



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA – UFOB
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE SANTA MARIA DA VITÓRIA
CURSO DE ARTES VISUAIS, MODALIDADE LICENCIATURA

ROSELI DE SOUZA ALMEIDA

**O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: USO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE
AO ENSINO**

Santa Maria da Vitória

2022

ROSELI DE SOUZA ALMEIDA

**O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: USO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE
AO ENSINO**

Monografia apresentada ao Curso de Artes Visuais,
modalidade Licenciatura do Centro Multidisciplinar de
Santa Maria da Vitória -Ba da Universidade Federal do
Oeste da Bahia -UFOB, como pré-requisito de Trabalho
de Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. Dr. Uillian Trindade Oliveira

Santa Maria da Vitória

2022

Universidade Federal do Oeste da Bahia
Biblioteca Universitária

A447 Almeida, Roseli de Souza.

O ensino da arte em tempos de pandemia: uso das novas tecnologias na educação, como ferramenta de acessibilidade ao ensino/ Roseli de Souza Almeida. – Santa Maria da Vitória - Ba, 2022.

50 f.

Digital.

Orientador: Prof. Dr. Uillian Trindade Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste Bahia, Centro Multidisciplinar de Santa Maria da Vitória, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, 2022.

1. Ensino. 2. Educação. 3. Pandemia. 4. Novas Tecnologias. I. Oliveira, Uillian Trindade.
II. Título.

CDD – 370

ROSELI DE SOUZA ALMEIDA

**O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: USO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE
AO ENSINO**

Monografia apresentada ao Curso de Artes Visuais,
modalidade Licenciatura do Centro Multidisciplinar de
Santa Maria da Vitória -Ba da Universidade Federal do
Oeste da Bahia -UFOB, como pré-requisito de Trabalho
de Conclusão de Curso.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Uilian Trindade de Oliveira
Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)

Prof. Dr. Helder Santos Rocha
Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)

Profa. Me. Silvana Barreto Rezende
Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que me deu forças e sabedoria para chegar até aqui, sustentando a minha fé para não desanimar nos momentos difíceis.

De forma especial agradeço ao meu pai José Luiz e a minha mãe Maria Socorro, aos meus irmãos e toda a família que sempre estiveram ao meu lado incentivando e dando apoio durante o percurso.

A todos os meus colegas da graduação, só tenho gratidão por cada um, pelo companheirismo e ajuda mútua nos momentos de dificuldades. Gratidão!

À Profa. Me. Silvana Rezende que sempre acreditou no meu potencial, aconselhando e contribuindo para meu desenvolvimento acadêmico, minha fonte de inspiração na UFOB.

Ao Prof. Dr. Helder Santos Rocha, por participar da avaliação deste TCC.

Ao meu orientador Prof. Dr. Uilliam Trindade Oliveira, por ter ajudado durante todo o processo, pela orientação e ensinamentos, por ser além de um professor orientador um ser humano que se coloca no lugar do próximo. O meu muito obrigada professor!

RESUMO

O presente trabalho busca discutir sobre as novas tecnologias da informação e comunicação – TICs no contexto do ensino da arte-educação, como ferramenta de acessibilidade e possibilidades de continuidade do ensino. Destacando que o foco principal da pesquisa foi promover uma investigação e uma discussão acadêmica sobre a interface do ensino de arte e as novas tecnologias da informação em tempos de pandemia no âmbito escolar de educação básica. Partindo dessa contextualização, emergiu o seguinte problema de pesquisa: Como os professores de arte do ensino médio em tempos de pandemia estão utilizando as novas tecnologias como ferramentas de acessibilidade ao ensino e quais os seus desdobramentos desse processo? De forma a cumprir esse objetivo, a metodologia abordada foi qualitativa do tipo estudo de campo, nas turmas do ensino médio em duas escolas estaduais da cidade de Santa Maria da Vitória – BA. Esta monografia é embasada por conceitos dos intercessores teóricos: Ferreira (2008), Santaella (2005), Venturelli (2011), Almeida (2020) e Jordão (2009).

Palavras-chave: Ensino; educação; pandemia; novas tecnologias.

ABSTRACT

The present work seeks to discuss the new information and communication technologies - ICTs in the context of teaching Art-education, as a tool for accessibility and possibilities for continuity of teaching. Emphasizing that the main focus of the research was to promote an investigation and an academic discussion about the interface of art teaching and the new information technologies in times of pandemic in the school context of basic education. Based on this contextualization, the following research problem emerged: How are high school arts teachers in times of a pandemic using new technologies as tools for accessibility to teaching and what are the consequences of this process? In order to fulfill this objective, the methodology addressed was qualitative, of the field study type, in high school classes in two state schools in the city of Santa Maria da Vitória - BA, according to the concepts of theoretical intercessors: Ferreira (2008), Santaella (2005), Venturelli (2011), Almeida (2020) and Jordão (2009).

Keywords: Teaching; education; pandemic; new technologies.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
OMS	Organização Mundial de Saúde
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
UFOB	Universidade Federal do Oeste da Bahia
TICs	Tecnologias da Informação e da Comunicação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Roseli Almeida, Esboço no papel.....	16
Figura 2- Roseli Almeida, Escultura, 2018	17
Figura 3 - Roseli Almeida, “Memórias em Movimento, 2018.....	17
Figura 4 - Roseli Almeida, Esculturas, 2018.....	18

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Questão 1	43
Quadro 2 - Questão 2.....	44
Quadro 3 - Questão 3.....	45
Quadro 4 - Questão 4.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 PERCURSO DA AUTORA	14
3 PERCURSO METODOLÓGICO	21
3.1 ABORDAGEM QUALITATIVA DO TIPO PESQUISA DE CAMPO	21
4 REVISÃO DA LITERATURA	24
4.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTES NO BRASIL	24
5 A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA	29
5.1 A PANDEMIA DESVELOU E AGRAVOU PROBLEMAS DE SÉCULOS À EDUCAÇÃO.	31
5.2 AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO	34
6 CONTEXTOS DA PESQUISA - EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO NAS TURMAS DO ENSINO MÉDIO E DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS.....	37
6.1 RESULTADOS DA PESQUISA – ANÁLISES E REFLEXÕES	41
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Em tempos de pandemia mundial, emerge a importância de uma discussão sobre as novas tecnologias da informação e comunicação – TICs no contexto do ensino da arte-educação, como ferramenta de acessibilidade e possibilidades de continuidade do ensino enquanto perdurar a pandemia.

Em termos de cenário brasileiro as escolas de educação básica e do ensino superior modalidade presencial a partir do mês de março de 2020, tiveram a interrupção de seus calendários letivos em decorrência do estado de pandemia que se instaurava no nosso país. Chegando no segundo bimestre acadêmico de 2020, as escolas de educação básica e instituições de educação superior começaram o processo de implementar o ensino remoto. Desde então, vem se configurando várias discussões pedagógicas sobre o ensino remoto e o uso das plataformas digitais, inclusive nas aulas de arte.

Por isso, é preciso procurar entender a relação escola, família, professor e aluno e o novo modelo de escola virtual, para o ensino presencial analisando os pontos positivos e negativos dessa nova forma de estudar. Destacando que o foco principal desta monografia é promover uma investigação e uma discussão acadêmica sobre a interface do ensino de arte e as novas tecnologias da informação em tempos de pandemia no âmbito escolar de educação básica, como fator de investigação desses processos.

Diante das experiências vivenciadas pelo ensino remoto proposta pelo Curso de Artes Visuais, Modalidade Licenciatura sediado no Centro Multidisciplinar de Santa Maria da Vitória da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB, podemos contextualizar o início empírico da discussão, pois enquanto concluinte do curso de artes visuais também estou em aulas de ensino remoto.

Destaco também que as discussões promovidas pelos componentes curriculares do curso de artes visuais a exemplo de “Arte, Tecnologia e Ciências” e “Laboratório de Arte e Tecnologia”, vem contribuindo muito para o entendimento da importância das ferramentas tecnológicas no ensino de artes. Atualmente a experiência dos estágios supervisionados do curso por terem acontecido também no processo de ensino remoto, vem me promovendo inquietações sobre as TICs no ensino remoto de artes da educação básica como ferramenta de acessibilidade ao ensino.

Portanto, observando o tempo que estamos vivendo onde a educação está toda voltada para o ensino remoto, senti a necessidade de investigar como os professores de Artes estão conseguindo trabalhar os conteúdos com os estudantes e como esses estudantes estão

administrando essa aprendizagem diante das dificuldades enfrentadas tanto da pandemia, quanto da acessibilidade de equipamentos e *internet*.

Partindo dessa contextualização emerge o seguinte problema de pesquisa: Como os professores de artes do ensino médio em tempos de pandemia estão utilizando as novas tecnologias como ferramentas de acessibilidade ao ensino e quais os seus desdobramentos desse processo? Logo, é destacado como objetivo geral deste trabalho analisar e discutir como os professores de arte do ensino médio em tempos de pandemia estão utilizando as novas tecnologias como ferramentas de acessibilidade ao ensino e quais os seus desdobramentos desse processo?

Na perspectiva de ampliar a investigação a partir da problemática supracitada apresentamos as seguintes questões norteadoras para a presente pesquisa em abordagem qualitativa do tipo estudo de caso: Como a literatura acadêmica vem discutindo a importância da interface do ensino de artes com as novas tecnologias da informação e comunicação em tempos de pandemia? Quais os meios e/ou recursos utilizados pelos professores de arte para esse processo de ensino-aprendizagem durante a pandemia? Quais as metodologias propostas pelos professores de artes durante a pandemia?

Diante das inquietações citadas, justifica-se este estudo, em fazer uma pesquisa aprofundada do tema, compreendendo através dos instrumentos da pesquisa, de como os professores de arte, alunos e família estão se adaptando nesse novo modo de ensino e de como ele se dá no ambiente virtual.

2 PERCURSO DA AUTORA

Eu sou a Roseli, sou natural Cidade de Santana¹, para os mais íntimos conhecida como Santana do Brejo Velho, cidade fica localizada no Oeste da Bahia. Meu percurso artístico me cerca desde muito pequena, cresci numa família de músicos, tenho tios que tocam violão, Contrabaixo, irmãos que cantam e toca teclado e bateria, meu avô é escultor e rezador na cidade, então cresci nesse meio, as peças do meu avô me encantavam, ele fazia de tudo um pouco bichos, engenho de rapadura, casa de farinha, com todos os bonequinhos envolvidos no processo, ele vendia as peças como forma de sustento da família, hoje ele não produz mais por conta da idade completa 96 anos em dezembro, está bem de saúde, porém não esculpe. Eu canto em dois corais da igreja há mais de vinte anos, cresci dentro desses corais e até os dias atuais consigo morar em Santa Maria da Vitória–BA² por conta da graduação, porém ainda mantenho o vínculo em Santana.

Sou de uma família humilde, meus pais conseguiram manter seis filhos na escola com trabalho de minha mãe doméstica e meu pai pintor de paredes, inclusive um dos melhores da cidade, era conhecido com Zé Luís pintor. Passamos por momentos difíceis por alguns anos, meu pai teve problemas com álcool e a família toda sofria com isso, até que um dia ele parou com o alcoolismo e ainda deu tempo de viver em paz conosco por dez anos. Confesso que na infância uma das coisas que mais gostava de fazer era de ir para escola, lá eu conseguia esquecer as brigas e as dificuldades que vivíamos em casa, sempre gostei de participar de tudo que envolvia Arte na escola, teatro, dança, grêmios estudantis, sempre estava lá pronta e graças a Deus eu tive muitas escolas que sempre promoviam momentos artísticos com os alunos, sempre estudei em escola pública, passei por quase todas as escolas da cidade, pois vivíamos de aluguel então de acordo o bairro que ia morar também iria estudar. Morei em algumas cidades, fiz muitos cursinhos profissionalizantes, e nunca pensei que um dia eu iria conseguir estudar em uma Universidade, primeiro porque na minha família nem se falava sobre isso, antigamente as pessoas já se conformavam se o jovem tivesse o ensino médio, até porque para cursar uma faculdade só nos grandes centros e tinha toda uma logística a ser planejada e filho de pobre não sonhava com isso, nem era comentado nas casas.

Recebi proposta de trabalho em Santa Maria em 2013, aceitei ir morar nesta cidade. No ano de 2015, fiz o Enem porque gostava de fazer pra saber como eu estava com os estudos

¹ Cidade Santana – Bahia, conhecida como Santana do Brejo Velho, fica Localizada no Oeste da Bahia, cerca de 830km da Capital, Salvador - Bahia.

² Santa Maria da Vitória – Bahia Localizada no Oeste da Bahia, cerca de 867,2 km da capital, Salvador, via BA-026.

e fiquei sabendo que na cidade tinha a UFOB – Universidade Federal do Oeste da Bahia me inscrevi pelo Sisu porque gostei do curso que estava sendo ofertado, fui porque era Artes Visuais e também porque era licenciatura, já que eu já tinha o magistério. Um dia meu telefone tocou e era da UFOB informando que eu tinha sido selecionada, aquele dia eu não sabia o que pensar o que falar fiquei o dia inteiro com aquela voz na cabeça, eu não acreditava que poderia ser verdade, a felicidade foi imensa, pois sabia que seria uma nova fase na minha vida que iria mudar tudo. Minha família ficou muito feliz apesar de não entender muito sobre o curso, que infelizmente sofre preconceitos em nossa cidade, porque não compreendem o valor e poder que a arte traz para o ser, eu fui salva pela arte, deve ser por isso que sou apaixonada por esse curso.

O espaço acadêmico exige muito do estudante é simplesmente outro mundo, outra forma de ver as coisas, porém é prazeroso principalmente no que se refere a processos criativos, eu me descobri na UFOB, desenvolvi trabalhos que nunca pensei um dia fazer, a exemplo disso trago aqui os meus trabalhos de cerâmica, desenvolvidos na matéria Artes do Fogo. Trabalhar com argila foi de uma satisfação imensa, nessa matéria eu resolvi trazer nas peças as memórias afetivas da minha infância, quando eu era criança eu amava brincar com boneca, e o que eu mais gostava de fazer era montar as roupinhas, então desde muito cedo eu aprendi a costurar e costurava muito pra montar os *looks* das bonecas e foi dentro desse tema que desenvolvi “O BAILE”, um dos trabalhos mais satisfatórios que já fiz na universidade.

Para confeccionar minhas peças utilizei esboços de bailarinas dançando, pausava o vídeo e tentava pegar os movimentos, as medidas de cada uma delas foram tiradas com os vestidinhos das minhas bonecas que ainda tenho guardado até hoje, e aos poucos com paciência e muito amor as peças foram pegando formas.

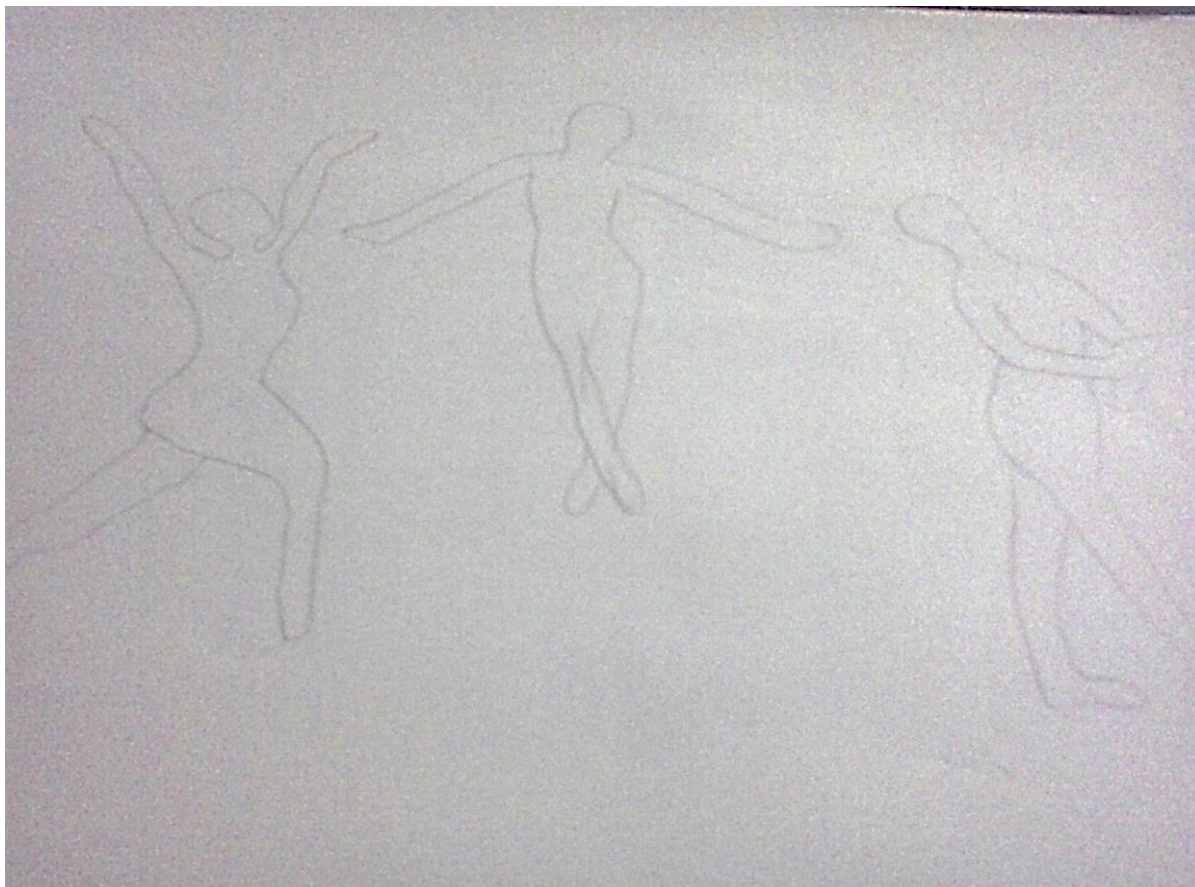
Na figura 1 podemos observar nos esboços os movimentos de um balé com o vídeo pausado foram meus primeiros traços no desenvolvimento das peças.

Na figura 2 são as peças já prontas, porém ainda sem a queima.

Na figura 3 trago imagens das esculturas usando os vestidos das bonecas ainda da infância. Com as esculturas prontas consegui fazer a junção com a disciplina de Arte Tecnologia e Ciências desenvolvendo uma animação com a técnica de Stop Motion, que é uma técnica de animação feita quadro-a-quadro, para produzir um segundo de animação são necessários 24 quadros, no meu pequeno vídeo consegui montar uma animação de 29 segundos e dei como título “Memórias em Movimento”. A experiência de poder montar o cenário, mover as peças passo a passo e tirar muitas fotográficas foi de grande aprendizado, pois consegui aprender a técnica e percebi que nada é tão difícil quando a gente se abre as

novas possibilidades. Amei o resultado desse trabalho, são as mais lindas memórias que tenho da minha infância, a universidade proporciona isso, unir o afetivo, as lembranças, e conseguir aplicar de forma prazerosa e satisfatória na escrita científica.

Figura 1- Roseli Almeida, Esboço no papel



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 2- Roseli Almeida, Escultura, 2018



Fonte: elaborado pela autora

Figura 3 - Roseli Almeida, “Memórias em Movimento, 2018



Fonte: elaborado pela autora

Outro trabalho também desenvolvido na disciplina de Laboratório de cerâmica, foi o “Bosque do Silêncio”³, são esculturas pequenas que retratam a violência em sua totalidade. Todos os meus esboços, foram retirados de imagens reais, a imagem do menino sírio morto na praia Turca, privado da sua liberdade de crescer se desenvolver, a mulher que chora por sofrer violência doméstica e violência psicológica por seu companheiro, a dor de uma mãe ao ver seu filho morto jogado no abismo ou até mesmo em frente as suas casas, vítimas de balas perdidas, pessoas assassinadas por causa do tráfico de drogas, vítimas escolhidas pela polícia para morrer simplesmente por ser negro. Junto a cada escultura eu coloquei uma plaquinha com frases do dia a dia dessas pessoas que foram privadas de viver. Logo abaixo temos a figura 3 com trabalho finalizado ainda sem a devida queima.

Figura 4 - Roseli Almeida, Esculturas, 2018



Fonte: elaborado pela autora .

Tive oportunidades para desenvolver muitos trabalhos durante a graduação, porém foi nessa disciplina que conseguir de fato falar de algo que me inquietava e ainda inquieta que é a violência. Fazer esse trabalho foi desafiador, perdi um amigo morto nas mãos da polícia e enfrentei ao final do semestre a morte do meu pai que descobriu um câncer no fígado já em

³ Com as esculturas foi produzido um vídeo de animação que está disponível para apreciação através do seguinte link: https://drive.google.com/file/d/13HGLDehMHRjJGVtVE3YOWJHjs6F_a_j6/view.

fase terminal, momento mais difícil que passei na vida. Cada escultura foi feita com muito respeito e também com muita dor. No dia do seminário eu senti alívio e paz porque alguém pode ouvir as minhas angústias e também o sofrimento de muitas famílias que passam por isso todos os dias.

O campo acadêmico é reflexivo e foi diante de todas as inquietações e angústias vivenciadas nos últimos anos, que despertou o desejo de trazer como tema dessa pesquisa o ensino da arte na pandemia com o uso das novas tecnologias da informação. O fator ensino remoto tirou tanto a minha paz que resolvi investigar como as escolas estavam conseguindo dar aula e como estava sendo para alunos e professores. Quando a pandemia da Covid – 19 chegou e a obrigatoriedade do fechamento das instituições de ensino em todo o país foi um choque para toda a sociedade, e ao mesmo tempo uma esperança que seria por pouco tempo, que as medidas de segurança não iriam deixar o vírus alastrar nas cidades, infelizmente ele chegou e veio causando muito sofrimento. Com o fechamento do Centro Multidisciplinar de Santa Maria da Vitória, resolvi ir para Santana e ficar com minha mãe que mora sozinha, daí veio a notícia que teríamos aulas de forma online, em todas as modalidades de ensino.

Confesso que não foi nada fácil, eu não tinha *internet* de qualidade, usava dados móveis do celular tentava conectar no notebook, porém com muitas dificuldades, ia para casa de amigas para poder assistir as aulas, sentia excluída dos outros colegas, participar das aulas era muito difícil, o microfone do computador não funcionava e quando eu escrevia no chat a dúvida já tinha passado para frente, fora que em algumas disciplinas a participação entrava como nota e fui prejudicada nesse sentido por não poder falar por um problema técnico. Algumas universidades lançaram um programa de Inclusão digital, para compra de computadores e chips com *internet*, eu não fui contemplada nesse programa somente no Semestre Letivo Especial III, que consegui ter acesso ao chip, diante de todas essas questões vinham os questionamentos, as reflexões de também querer entender como estava esse novo modelo de ensino nas escolas, se eu que estava numa universidade pública que teve um programa de inclusão me senti excluída do sistema, imagina crianças e adolescentes que mal tem alimentos em suas casas. Comecei a observar meus sobrinhos que estava cursando a alfabetização e o outro jardim I, essas crianças começaram a receber tarefas em casa e contava com a ajuda dos pais. Com o andamento da pandemia o ano passou e essas crianças foram passadas de ano já com turmas que precisava de leituras com texto de interpretação, alguns pais tiveram que pagar reforço escolar porque sabiam que as crianças não estavam conseguindo aprender somente com as tarefas impressas. Presenciei várias vezes minha sobrinha angustiada porque não conseguia ler os textos das tarefas e os pais perdiam a

paciência com ela, e isso se deu até pouco tempo e como ela muitos estudantes viveram essas dificuldades. Ficava pensando será que a escola não teria outro meio para ajudar aquelas crianças? Porque ficaram somente nas tarefas impressas? Será que o município, o governo o Ministério da Educação não teria outras soluções para não deixar esse grupo tão distante da realidade da escola, a maioria não teve aulas remotas, não tinham celular, nem *internet* e esse foi um dos motivos que muitas crianças e adolescentes desanimaram e pais tiraram os filhos das escolas e até hoje ainda não retornaram. Diante do exposto, justifica-se o tema abordado, investigar sobre as metodologias, recursos, o uso de ferramentas, o que deu certo, e o que não deu, nesse novo modelo de ensino que a educação teve que enfrentar.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 ABORDAGEM QUALITATIVA DO TIPO PESQUISA DE CAMPO

Como percurso metodológico lançamos mão de uma das abordagens mais utilizadas na produção de pesquisas nas ciências humanas que é a Pesquisa qualitativa, por trazer aspectos diferenciados e diversificados em comparação, por exemplo, com a Pesquisa Quantitativa que considera como primordial os dados coletados de forma engessada, sem nenhuma interferência da subjetividade do pesquisador, e tem como ponto de partida a Pesquisa Social empírica que trabalha com levantamento de dados padronizados, objetivando documentar e analisar o comportamento de uma determinada população.

A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação e são, portanto, documentos em diários de pesquisas ou em protocolos de contexto. (FLICK, 2009, p. 25)

Enquanto que, na abordagem qualitativa existem alguns aspectos essenciais para a produção do estudo do objeto. As diferentes perspectivas do reconhecimento da análise, a pesquisa em si entra como processo de conhecimento, possibilita uma variedade de métodos, abordagens, práticas dos participantes e um dos itens que mais difere desse tipo de pesquisa, é a opinião do pesquisador que pode se colocar durante o processo, possibilitando um estudo e compreensão dos fatos estudados com um olhar crítico sobre determinado objeto abrindo um leque para que outros leitores tomem conhecimento do assunto e tenham a liberdade de concordar, discordar ou acrescentar, dando continuidade à pesquisa ou ao mesmo tema, porém com outras possibilidades de abordagens, a Pesquisa Qualitativa permite esse acesso de ir a fundo durante o processo da aprendizagem do objeto estudado.

Na pesquisa de campo é possível investigar com maior precisão o objeto estudado, nesse tipo de pesquisa são levadas em consideração, todas as coletas de dados, tanto bibliográficos quanto documentais, entrevistas e diário de bordo, buscando compreender os diversos aspectos e possibilidades de respostas diante do problema investigado. Piana (2009) comenta,

assim, durante o processo de investigação, foi possível utilizar, além das entrevistas, a técnica de observação como importante meio de coleta de dados realizada de

forma simples e direta, possibilitando complementar as informações, uma vez que alguns aspectos da realidade apresentada ficam evidenciados nas atitudes dos sujeitos no momento da entrevista. (PIANA, 2009, p.180)

Durante a pesquisa de campo, o pesquisador consegue analisar o objeto em seu ambiente cotidiano, através da observação, anotações e comparação dos dados relatados, tendo contato direto com as pessoas, apresentando oportunidades de interpretação dos resultados obtidos durante o estudo de campo.

Para a realização desta pesquisa foram necessários 2 tipos de colaboradores, sendo eles, professores de Artes do ensino médio e estudantes de uma escola pública estadual do ensino médio técnico. Sendo assim, foi preciso de dois Professores do ensino médio e 17 estudantes que participaram da entrevista semiestruturada, os critérios estabelecidos para a escolha foram as seguintes; os professores teriam que ter o componente curricular Arte em seus encargos docentes em 2021, como também ser professor efetivo da disciplina de Arte no ensino médio com um período mínimo de um ano. Para o critério dos estudantes era necessário ter o componente Artes na grade curricular de estudos em 2021 e está disponível de participar da investigação.

Nesta pesquisa do tipo de campo sobre o ensino da arte em tempos de pandemia e o uso das novas tecnologias na educação, como ferramenta de acessibilidade ao ensino na qual visa compreender como os professores de arte do ensino médio em tempos de pandemia estão utilizando as novas tecnologias como ferramentas de acessibilidade ao ensino e quais os seus desdobramentos desse processo, iremos trabalhar com os seguintes instrumentos de pesquisa: A pesquisa bibliográfica, e entrevista semiestruturada; a primeira, consiste na busca de textos, artigos, teses, dissertações, livros e revistas, fazendo uma seleção de autores que já debatem o tema, para melhor compreender as interpretações dos documentos, ter um estudo aprofundado do objeto e analisar os caminhos percorridos para uma resposta do problema investigado.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32)

Portanto, o foco dessa pesquisa bibliográfica será de autores que discutem questões como o ensino da arte em tempos de pandemia: uso das novas tecnologias na educação, como

ferramenta de acessibilidade ao ensino e seus desdobramentos. O segundo instrumento é a entrevista semiestruturada, pois o campo da pesquisa é vasto, repleto de caminhos e possibilidades para se chegar aos resultados desejados. A pesquisa qualitativa é um desses caminhos e dentro da mesma, é possível uma abertura de metodologias de diferentes maneiras e técnicas para se chegar aos resultados. Uma vertente da pesquisa qualitativa, é o uso da entrevista como coleta de dados tendo como fonte o entrevistado ou entrevistada. As ciências sociais dispõem de várias técnicas diferentes, e a entrevista é um dos recursos mais flexíveis, e isso proporciona potentes recursos para o aprofundamento e realização da pesquisa.

Existem vários tipos de entrevistas. Alguns exemplos são: entrevista projetiva, entrevistas individuais e grupais, entrevista face a face, estruturada, semiestruturada, por telefone... Enfim, existem várias possibilidades de realização de entrevistas. Todas, focadas na coleta de dados dos participantes. Dentre essas possibilidades, a abordagem escolhida para desenvolver esta pesquisa, foi escolhida a entrevista semiestruturada, que funciona com roteiros pré-definidos, perguntas previamente escolhidas e objetivos planejados, porém, fica aberta para o que ocorrer durante o percurso. Como assevera Minayo (2010), a entrevista semiestrutura deixa em aberto à opinião dos entrevistados, podendo se posicionar com autonomia diante do questionário formulado.

Portanto, entende-se que a pesquisa semiestruturada possibilita ao entrevistado uma liberdade maior em relação a maneira a qual a entrevista está sendo conduzida, e livre para se posicionar e assim, contribuir com a pesquisa.

4 REVISÃO DA LITERATURA

4.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTES NO BRASIL

Contextualizar o ensino da arte no Brasil, é percorrer um caminho de longos anos de lutas dos arte-educadores para que o devido valor e o lugar da arte dentro das escolas se consolidassem de fato. A desvalorização do professor de artes e do ensino de artes dentro das escolas ao longo dos tempos até os dias atuais.

Assim, nos faz refletir como se deu todo esse processo, sabe-se que a arte sempre esteve presente no cotidiano dos habitantes do Brasil, antes mesmo da chegada dos artistas da Missão Francesa ao Brasil, em 1808, com a Criação da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, onde o ensino de arte era denominado como artes e ofícios, voltados para o fazer manual e com o público alvo de início com trabalhadores comuns, o que durou pouco, quando a elite começou a se ocupar desses espaços e a imitar cada vez os costumes inclusive artísticos da Europa.

Visto que, a educação no Brasil sofreu muitas interferências de costumes, ideologias e crenças, e no mundo artístico não foi diferente, e conseqüentemente sofremos até hoje, principalmente no que diz respeito a arte. Apenas uma parte da população consegue ter esse contato desde os primeiros anos de vida, por isso a ideia que ainda permeia na cabeça das pessoas que museus, obras de arte é coisa de ricos, daí veio também a exclusão das classes baixas de ter acesso a esses espaços até mesmo dentro das escolas.

Fazendo um recorte temporal, somente em 1971, do século XX, é que trouxe como obrigatoriedade a atividade de “Educação Artística” para o currículo das escolas de 1º e 2º graus, uma conquista para o ensino da arte através da Lei Federal de n. 5.692/71 de Diretrizes e Bases. Contudo os interesses do governo militar implantando no Brasil pelo golpe de 1964, tinha por trás dessa lei interesses e acordos propostos pelos educadores americanos, e não os interesses dos arte/educadores do Brasil, por isso e que tinham interesses comerciais com o Brasil, e foram reorganizando os objetivos curriculares da educação, numa perspectiva da racionalidade técnica, onde foi estabelecida a lei.

Essa lei estabeleceu uma educação tecnologicamente orientada que começou a profissionalizar a criança na 7ª série, sendo a escola secundária completamente profissionalizante. Esta foi uma maneira de profissionalizar a mão-de-obra barata para as companhias multinacionais que adquiriram grande poder econômico no País sob o regime da ditadura militar de 1964 a 1983. (BARBOSA, 2009, p. 8)

Com o surgimento da lei e a obrigatoriedade da atividade de Educação Artística nas escolas primárias e secundárias até as escolas tecnicistas de 2º grau, preparando as crianças e jovens na lógica do mercado capitalista para a mão de obra barata, com intuito de capacitá-los para o mercado de trabalho, uma vez que, naquela época o governo militar do Brasil mantinha acordos comerciais, estava em crescimento industrial e necessitava de mais trabalhadores habilitados que atendesse o mercado de trabalho.

Além disso, outro problema que surge durante a implantação da lei foi justamente a polivalência, pois as modalidades artísticas propostas abrangiam Artes Visuais, teatro, dança e música, todas essas linguagens seriam ministradas pelo mesmo professor, o que causou muitas dificuldades de atuação dos professores que não tinham formação alguma nessas áreas, além da problemática da visão tecnicista de incluir conteúdos de geometria na Educação Artística, o que deu a entender que qualquer professor de qualquer outra área conseguira dar a matéria.

Para suprir a demanda por profissionais qualificados criada pela obrigatoriedade do ensino nas escolas, os cursos de Licenciatura de Educação Artística, criados a partir de 1973, proporcionavam uma formação muito frágil, devido ao curto tempo de duração (em média, dois anos). Não havendo tempo para o estudo do desenvolvimento cognitivo, artístico, psicológico das crianças, a formação dos professores ficava limitada, em sua maioria, ao contato com técnicas de expressão nas diversas linguagens. (RODRIGUES, 2011, p. 8)

Com a fragilidade do ensino da atividade de Educação Artística nas escolas, se viu a necessidade de criar cursos de Licenciatura Curtas, para formação dos professores. A Lei foi criada sem pensar em quem ministraria essas aulas, o que acarretou numa catástrofe nas aulas de arte, que ficou conhecida como uma atividade de recreação, algo para relaxar distrair os alunos, pois o professor era colaborador para decoração da escola principalmente em datas comemorativas, momentos cívicos e religiosos.

Dentro das salas o que se via era à reprodução, desenhos prontos para se colorir, sem preocupação alguma com a criação e o pensamento crítico. Visto que, mesmo com a criação dos cursos de Licenciatura em Educação Artística, não foi o suficiente para suprir a necessidade que as modalidades do ensino exigiam, além do que, o tempo preparação para esses cursos eram, no mínimo, de dois a dois anos e meio deixando uma lacuna na aprendizagem desses professores, ou seja, mesmo com a criação da lei, ainda não se via um ensino de arte de qualidade nas escolas. O livro didático ainda era o único guia da maioria dos professores de arte. Ainda hoje encontramos professores que reproduzem essa atitude e levam

as aulas de arte como momento de complementação da carga horária, passando outros conteúdos para os alunos durante as aulas.

Diante disso, nos anos 80 do século XX, houve uma preocupação maior sobre o ensino de arte nas escolas, com uma mobilização dos arte/educadores de todo o país, na Semana de Arte e Ensino nos dias 15 a 19 de setembro.

Aspectos políticos através de debates estruturados em pequenos grupos ao redor de problemas preestabelecidos como a imobilização e o isolamento do ensino da arte; política educacional para as artes e arte/educação; ação cultural do arte/educador na realidade brasileira; educação de arte/educadores, e outros". (BARBOSA, 2009, p. 14)

A partir da Semana de Arte e Ensino com a organização dos arte/educadores, foi possível um fortalecimento do ensino como um todo e em especial pelo ensino de arte dentro das escolas. Os anos 80 foi dado como uma década perdida, diante de todos os conflitos civis e políticos que o país sofria, ainda assim, houve uma crescente mudança no pensamento em relação ao ensino de arte.

Em 1988, com a Nova Constituição da República o ensino de arte foi citado como parte de ensino com liberdade de aprender, explorar e expandir o pensamento crítico, os arte/educadores comemoravam essa conquista, pois foi através da luta deles e por pressionarem alguns deputados que iriam fazer parte na elaboração da nova constituição, que foram levados em consideração alguns dos aspectos levados pelos educadores, isso mostra o potencial dos arte/educadores do Brasil que há alguns anos vem lutando para que o ensino de arte seja efetivado de forma satisfatória dentro das nossas escolas.

A partir dessa luta dos arte/educadores iniciada nos anos 80, foi sancionada em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, Lei de n. 9.394, que regulamenta até hoje a educação Brasileira. Com a implantação da lei foi extinto a atividade de Educação Artística e criado o ensino de arte agora é componente curricular obrigatório para toda a educação básica.

Todavia em 1998 foram criados os PCNs, - Parâmetros Curriculares Nacionais, que retirou a polivalência do ensino de arte, dando autonomia às linguagens de Artes Visuais, música e dança, agora com possibilidades de graduar o professor em uma área específica e com graduação em licenciatura plena e não mais em dois anos.

As conquistas do ensino de arte no país foram muito comemorados pelos arte/educadores de todo o Brasil, pela determinação da lei o professor poderia graduar em uma linguagem específica da arte, e ele poderia ser contatado para dar aula da linguagem de

formação, outro problema que os professores tiveram que encarar dentro das escolas, o professor da área da música, por exemplo, tinha que dar conta de dar dança e artes visuais, por uma cobrança da escola, sou seja volta a polivalência, o ideal seria a contratação de professores com formação em cada uma das linguagens, seria uma riqueza grandiosa para o desenvolvimento dos estudantes.

No ano de 2016, no dia 02 de maio, foi sancionada uma nova lei o que ainda está sendo um grande marco para o ensino de arte.

A Lei nº 13.278 de 2016 altera este inciso dando a seguinte redação: “§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo”. Logo a interpretação do inciso 2º do artigo 26 da LDB fica da seguinte forma: O Ensino da Arte (artes visuais, a dança, a música e o teatro), especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica. (RAMALDES, 2017, p. 82)

Podemos considerar mais uma vitória para o ensino de arte, foram anos de luta e ainda continua sendo, pois a lei não especifica a carga horária mínima, por exemplo, no ensino médio, sendo essa decisão tomada pela escola, que na maioria das vezes escolhe uma das turmas para ter uma hora aula de artes por semana, dificultando assim, melhor atuação do professor e dos alunos, outra questão que ficou aberto é a polivalência, se existe um professor de Artes Visuais atuando a escola poderá cobrar desse professor a aplicação das outras linguagens, mais um desafio para os professores graduados que terá que buscar formas que atenda todas as linguagens artísticas da grade curricular do componente.

Entretanto, após alteração na LDBEN em 2016, as discussões sobre ensino e currículo do ensino de artes visuais, voltaram-se para uma implementação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC que contemple o ensino de artes tanto no ensino fundamental, como no ensino médio.

Ainda nesse sentido, uma base nacional comum para o currículo da Educação Básica a partir de um projeto normativo que estabelece um documento prescritivo de competências, habilidades, conteúdos, ou, como preferem denominar de aprendizagem (CURY, 2018). Portanto, a BNCC após anos de idealização, ou seja, com sua implantação em 2017, inicialmente para Ensino Fundamental e posteriormente em 2018 para o Ensino Médio, vem sendo alvo de várias discussões de estudiosos e educadores brasileiros, principalmente traz uma concepção de currículo travestida de direito de aprendizagem que, sob a ótica tecnicista e meritocrática, constituem-se em deveres de aprendizagem (CURY, 2018). Assim, podendo se

desdobrar numa política curricular de tornar consensual e hegemônico o conhecimento escolar, principalmente o de artes.

Dessa maneira, sabe-se que muitas foram as conquistas para incluir o ensino de arte como componente curricular do ensino, porém não podemos achar que está tudo perfeito, ainda temos um longo caminho a percorrer, ainda temos escolas com professores que não tem formação alguma para assumir essas aulas, pelo simples fato de completar a carga horária, sem preocupação alguma de como essas aulas serão ministradas. Somente com a formação de professores essa realidade mudará, e com leis mais claras para a aplicação do ensino de artes nas escolas.

5 A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

O ano de 2020, foi marcado por grandes acontecimentos, mudou-se a rotina de todos os brasileiros e de pessoas do mundo inteiro. Iniciamos o ano com a preocupação de um novo vírus que teria surgido em Wuhan na China. Inicialmente não imaginávamos que chegaria ao Brasil em tão pouco tempo. Em 11 de março de 2020 a OMS – (Organização Mundial de Saúde), declarou à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo corona vírus (Sars-Cov-2), deixando assim, a população em alerta sobre o estágio de contaminação rápida de como o vírus se espalhava pelo mundo. De antemão não tínhamos um tratamento efetivo, não sabíamos ainda, informações consistentes sobre os efeitos do vírus. Em pouco tempo, ocorreu um aceleração do contágio da doença, levando a óbitos de milhares de pessoas num curto espaço de tempo.

As únicas formas de prevenção até então, eram manter o distanciamento social, usar álcool em gel, lavar bem as mãos, manter os ambientes e alimentos limpos e adotar o uso de máscaras de proteção.

Os estados e municípios começaram a tomar medidas restritivas para conter o avanço do vírus no país, mudando a rotina das famílias, crianças, adolescentes, e das pessoas na maioria dos espaços de convivência e atividades comuns do cotidiano. O fechamento das escolas foi uma das primeiras medidas que o estado anunciou em todas as instâncias, com a falsa esperança de que em no máximo dois meses voltaríamos à normalidade, o que não ocorreu. Já estamos em julho de 2022, e a pandemia ainda continua no Brasil e no mundo, e com ganho de forças assombroso, causando estragos na vida da população e nas estruturas governamentais do país.

Ainda em 2020, com o crescente número de casos, o Ministério da Educação e o conselho Nacional de Educação, apresentaram o parecer nº5/2020, com o assunto: reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia da COVID-19.

Com esse parecer, as instituições de ensino de todo país começaram a se mobilizar para atender a demanda dos estudantes, tendo que se reinventar no novo modo de ensino a distância. Assim, os Professores tiveram que aprender a produzir e editar vídeos, entrar nas plataformas digitais e criar ambientes que despertassem a atenção principalmente das crianças.

Sabe-se que, há muito se debate sobre um novo modelo de ensino nos ambientes escolares, porém, ninguém imaginou que seria obrigado a se reinventar e se adaptar rapidamente por conta de um vírus que se alastra por todo o mundo. Segundo Kirchner (2020),

a pandemia nos colocou frente ao desafio de pensar a escola, nos retirando a sala de aula, o ambiente que sempre foi o lugar de estabelecer os vínculos principais de mediações de conhecimento. A função docente desempenhada dentro desse lugar, onde professores, alunos e toda comunidade escolar se habituaram, já não é o espaço delimitado para essa função. Com o movimento de uma sala de aula é marcado por uma rotina intensa de afazeres, o tempo de pensar sobre outras formas de ser e fazer a aula, acaba sendo redimensionado para outros espaços de formação. Sempre falamos na transformação da escola, que precisamos repensar novos modelos, eis que a pandemia nos obrigou a mudar. (KIRCHNER, 2020, p. 46)

Sair do ambiente escolar convencional, onde as trocas e contato afetivo com as pessoas eram constantes, nos causa estranhamento e incertezas. Os ambientes a partir desse contexto seriam virtuais, cada um da sua casa, ou da sua sala de aula solitária e improvisada, enfim, desafios que muitas escolas tiveram e estão tendo que administrar pedagogicamente.

Nas instituições públicas de nível superior e em várias instituições privadas, como escolas particulares, o ensino remoto está conseguindo seguir seu curso dentro das possibilidades de cada indivíduo, mas, em se tratando de escolas públicas as dificuldades foram mais desafiadoras. Algumas já não possuíam equipamentos e recursos adequados para os professores utilizarem nem em sua rotina normal, imagina agora onde tudo precisa ser feito de forma online!

A desigualdade social das famílias de classe baixa bate na porta mais uma vez, os professores tiveram que adquirir por conta própria equipamentos de melhor qualidade, para poderem dar aulas online e muitos outros teve que aprender o manuseio dessas ferramentas. As escolas públicas se estruturaram para tentar atender a todos os alunos, fizeram mapeamento daqueles que possuem computadores e *internet* em casa, dos que possuem *internet* somente no celular foram criados grupos de *WhatsApp* para envio de conteúdo, trocas e retiradas de dúvidas, e um terceiro grupo que não tinha acesso à *internet*, nem computadores e nem celular recebiam todo o material impresso. No início da volta às aulas, algumas escolas entregavam esse material na casa dos alunos, em outras os pais ou responsáveis vão direto à escola pegar o material no período quinzenal. Tais medidas foram desenvolvidas para driblar os desafios apresentados pela pandemia, mas não tornaram as coisas mais fáceis e muito menos resolveram os problemas da educação brasileira. Pelo contrário, os antigos problemas

foram somados aos novos, e fragilizaram ainda mais a qualidade educacional do país. Ao constatar essa severa realidade, Silva, Petry; Uggioni comentam que:

Este evento, expôs severamente as insuficiências da educação no país. Podemos afirmar que algumas dessas insuficiências são a falta de formação específica para professores e o entendimento por parte da sociedade e o precário acesso da comunidade escolar a recursos tecnológicos, como computadores e *internet* de qualidade. (SILVA; PETRY; UGGIONI, 2020, p. 22)

Os prejuízos educacionais são incalculáveis se pensarmos nas desigualdades que muitas famílias enfrentam a falta de equipamentos adequados, falta da *internet* e do contato físico e afetivo com colegas e professores, e muitas vezes, falta do que comer. A crise enfrentada não é apenas educacional, é também social, econômica e sanitária, impactando diretamente os dados atuais da educação, alunos e professores desmotivados, com depressão, crises de ansiedade e pânico, já podemos notar na evasão escolar, na queda do rendimento dos estudantes isso em todos os níveis da educação.

Diante disso, pensar a educação em tempos de pandemia, é pensar como seremos daqui para frente em nível de educação, pois continuamos no patamar da “educação para quem”? Pois, sempre as classes desfavorecidas são as mais prejudicadas. Foi pensado o ano letivo para completar a carga horária e não deixar professores parados em casa, porém não se pensou no estudante que em muitos casos não possui o que comer em casa, tampouco terá computador e *internet*, se pensou um ensino remoto sem antes fazer um balanço da situação dos alunos brasileiros numa dimensão geral, gestores e professores tiveram que se adaptar para dar conta de uma demanda imposta pelo governo que mais uma vez escolhe apenas uma classe da sociedade, para dar seguimento aos estudos. Quem são os excluídos desta lista? Será que teremos respostas para dar para os excluídos do ensino remoto?

5.1 A PANDEMIA DESVELOU E AGRAVOU PROBLEMAS DE SÉCULOS À EDUCAÇÃO.

Após as novas medidas tomadas devido à pandemia da Covid-19 no âmbito educacional pode-se notar um agravamento dos problemas da educação no Brasil, a pandemia desvelou as adversidades já enfrentadas por anos a fio, que em alguns momentos tiveram mudanças importantes, principalmente no que se refere ao ensino fundamental dos anos iniciais onde a evasão escolar teve uma queda muito significativa e que infelizmente voltaram a subir a partir do ano de 2020. Com o fechamento das escolas e o ensino remoto, muitos

estudantes não conseguiram acompanhar esse novo modelo de ensino, sem contar que algumas escolas demoraram em começar as aulas, na verdade todos ainda estavam aprendendo como fazer. Segundo os dados da UNICEF (2021)

Em novembro de 2020, mais de 5 milhões de meninas e meninos não tiveram acesso à educação no Brasil – número semelhante ao que o País tinha no início dos anos 2000. Desses, mais de 40% eram crianças de 6 a 10 anos de idade, etapa em que a escolarização estava praticamente universalizada antes da Covid-19. (on-line)

Esses dados são preocupantes principalmente porque atinge faixa etária de crianças que estão na fase da alfabetização no processo de conhecimento fundamental da fase escolar. O aumento da evasão das crianças entre 6 a 10 anos nos faz refletir de como se deu o acesso ao ensino as salas de aula virtuais. O fator desigualdade social mais uma vez bate na porta da sociedade e atingiu milhares de famílias, a crise sanitária, o isolamento social e o fechamento de empresas infelizmente trouxeram o desemprego, falta de moradias dignas e a fome assolou muitos lares. O ensino fundamental foi um dos mais atingidos pelo fechamento forçado das escolas, pois as maiorias das famílias não tinham acesso à *internet* e nem equipamentos como computadores ou celulares para acompanhar as aulas, as escolas públicas que já sofriam com falta de equipamentos, materiais e espaços adequados para ministrar as aulas, agora se viram tendo que fazer planejamentos para educação à distância, professores se desdobraram para preparar material e dividiram as turmas pelo grupo do *WhatsApp*, grupo do *Google Meet* e o grupo dos materiais impressos para não deixar nenhum aluno de fora, gestores e professores fizeram o que estavam ao alcance para dar continuidade ao ano letivo, até então era tudo novo para todos, saber conduzir a situação em meio ao caos que estava o mundo ainda é desafiador, não se sabe os prejuízos causados pela pandemia na educação, o que temos são dados e alguns estudos da evasão escolar em todos os níveis da educação, a situação se agrava em locais mais vulneráveis e por grupos que já sofriam a exclusão da sociedade.

O estudo mostra, também, que a exclusão afetou mais quem já vivia em situação vulnerável. Em relação às regiões, Norte (28,4%) e Nordeste (18,3%) apresentaram os maiores percentuais de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos sem acesso à educação, seguidas por Sudeste (10,3%), Centro-Oeste (8,5%) e Sul (5,1%). A exclusão foi maior entre crianças e adolescentes pretos, pardos e indígenas, que correspondem a 69,3% do total de crianças e adolescentes sem acesso à Educação. (UNICEF, 2021, on-line)

Alguns especialistas dizem que podemos sofrer ai uma regressão de duas décadas na educação, o Brasil já enfrentava muitos problemas como a evasão escolar, a falta de acesso a

escola, falta de merenda e falta de professores nas redes, a pandemia só agravou o que já estava precisando melhorar, porém agora com um grau maior, pois foram afetados principalmente as crianças menores que ficaram em casa recebendo tarefas que tinham prazo para devolver a escola, muitas tarefas sem receberem orientação alguma do que fazer, crianças foram passadas de ano sem ao menos aprender algo do ano anterior, as que estavam na alfabetização de repente se viram no primeiro ano com tarefas de leituras e interpretação, crianças essas que, moram com os avós que na maioria de algumas comunidades não tiveram oportunidades de frequentar uma escola, as famílias que conseguiam pagar uma banca para reforço escolar ainda conseguiam dar um apoio melhor para seus filhos, mas sabemos que isso foi uma minoria e que a maioria ficaram na verdade fora da escola, pois não tinha ninguém para orientar essa criança no momento das tarefas, e ainda houve casos que pais acreditavam que um ano de reprovação não iria afetar a vida do filho.

Diante disso, a escola tem aí um caminho longo a percorrer agora já com a volta das aulas presenciais, com todos os conflitos medos e perdas sofridas tanto pelos alunos e professores. Qual será o papel da escola neste momento? O que será feito de diferente para amparar esses estudantes pós-pandemia? Uma vez que, o espaço da escola é importante para a vida de todos os envolvidos especialmente para crianças e adolescentes, a escola se torna um lugar de trocas e de encontros fazendo parte do cotidiano de milhares de alunos.

Vista por esse ângulo, a escola se torna um espaço de encontro entre iguais, possibilitando a convivência com a diferença, de uma forma qualitativamente distinta da família e, principalmente, do trabalho. Possibilita lidar com a subjetividade, havendo oportunidade para os alunos falarem de si, trocarem idéias, sentimentos. Potencialmente, permite a aprendizagem de viver em grupo, lidar com a diferença, com o conflito. (DAYRELL, 1996, p.17)

A pandemia cortou esse vínculo, do momento da chegada à escola, do recreio e até mesmo do final da aula, a escola como espaço social é de uma importância grandiosa na vida dos estudantes são nesses momentos que existem as trocas, vivenciando em grupo debatendo os conflitos e sentimentos, o ensino remoto tirou essas trocas, esses afetos e nada mudou em relação as aulas, pois o mesmo formato de aula presencial foi seguido nas aulas online, o que mudou mesmo foi a falta do contato, do espaço e das trocas. A escola não conseguiu acompanhar o ritmo das crianças e adolescentes da era digital, as crianças de hoje já são conectadas sabem lidar muito rapidamente com os meios digitais que os cerca, é como se dentro da escola fosse um mundo e fora dela outro mundo, é preciso pensar nesse espaço como o espaço da sociedade como um todo com todos as suas mazelas, se a sociedade não vai

bem conseqüentemente a escola também não, porque não existe uma coisa separada da outra se torna uma só. Esse modelo tradicional da escola que não cabe mais com os jovens que temos hoje, o mundo modificou-se e continua nesse processo todos os dias e temos aí um debate do que fazer para mudar o ritmo da escola? Como unir as novas tecnologias e os conteúdos obrigatórios que a escola terá que cumprir com seus estudantes? O ensino remoto veio, usamos a *internet* os novos programas, mas porque as aulas ainda continuaram enfadonhas? Temos que pensar em estratégias que tragam os alunos de forma prazerosa para dentro das salas de aula sem que isso se torne um peso ou uma obrigação para eles. Dialogar com os estudantes saber o que pensam ou o que almejam, o que a escola representa na vida deles, levar a realidade vivida fora da escola para que sintam inseridos no contexto educacional como um todo.

Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Porque não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? (FREIRE, 2015, p.32)

Imagina um currículo escolar contendo experiências de vida dos alunos, conteúdos que comunicassem com a realidade da cidade ou do bairro, com temas atuais tanto do país e do mundo, principalmente no momento em que estamos vivendo saindo de uma pandemia que continua fazendo vítimas e agora uma guerra entre a Ucrânia e a Rússia, pois o medo toma conta dos outros países também, pois um depende do outro, certeza que esses temas estão dentro das escolas entre crianças e adolescentes, o que ocorre fora é levado para escola de uma forma ou de outra resta saber como conduzir esse turbilhão de informações e como agregar tudo isso aos conteúdos ofertados para os alunos.

5.2 AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Pensar as novas tecnologias da informação e comunicação na educação é levantar um debate que ainda está longe de uma realidade de inclusão digital para todos os níveis e modalidades da educação básica. Entretanto, dentro das nossas escolas públicas, vivemos numa sociedade conectada cheia de novidades das redes, onde as informações chegam de forma rápida. São vários os meios e recursos tecnológicos de comunicação que possuímos

dentro das escolas atualmente: a televisão, o rádio, data show, quadro de fórmica, pincel, máquina de impressora, o celular e o computador, são equipamentos que de alguma forma transmite conteúdos a todo o momento, e nós como receptores absorvermos tais informações compartilhando notícias, dando nosso parecer crítico para amigos, familiares e até mesmo para pessoas que não estão no nosso contato físico, mas que pelas redes sociais recebem e perpetuam o anunciado criando assim, redes da informação em nosso cotidiano.

O conhecimento está em rede, de forma que todos podem manipular, intervir de forma cooperativa, assim como numa rede de pesca que necessita da colaboração de vários pescadores para fazer emergir o pescado, essa rede aqui precisa também da autoria e interação dos sujeitos para construir o fluxo informacional. Não existe um centro ou eixo, o conhecimento está no campo das possibilidades, do hipertexto, na busca de novos links. (ROCHA, 2005, s./p.)

Com o crescente avanço do acesso das novas tecnologias da informação e comunicação, (TICs), conseguimos interagir com pessoas de vários países, receber e compartilhar informações com precisão, o mundo está em evolução constante e os novos equipamentos e contato com as mídias nos possibilita uma infinidade de aprendizado. Entretanto, ainda existe uma parcela da população brasileira que não tem acesso a essas novas redes de comunicação, são os excluídos da era digital, o que nos faz refletir sobre a exclusão social, pois de um lado temos tantos avanços nos recursos tecnológicos, mas em contrapartida temos ainda muitas pessoas que não tem uma vida social digna de moradia, educação, saúde e infraestrutura, políticas públicas, conseqüentemente ela também não está na inclusão digital.

As populações das classes baixas acabam prejudicadas pelo sistema e das carências de políticas públicas, podemos observar os grandes centros, a elite recebe sinais da melhor qualidade de *internet* em suas casas, com os melhores equipamentos, consegue navegar sem interferências, enquanto que logo ao lado de um condomínio de luxo, está uma comunidade aglomerada de pessoas e que não possuem o mesmo acesso, não conseguem instalação, e quando conseguem é com muitas interferências do sinal. Para Costa (2004, p. 6), não parece “ser errado assumir a hipótese de que a ausência de formas de inclusão digital poderá aumentar ainda mais a exclusão social, devido as reconfigurações da sociedade informacional pelas quais passam o país e o mundo”.

Os problemas sociais do Brasil estão longe de serem solucionadas, as classes menos favorecidas sentem no dia a dia a falta de oportunidades, tanto no mercado de trabalho quanto de conhecimento de mundo, ocupando vagas sempre com salários mais baixos, tornando a

desigualdade de classe mais agravante, além da precariedade da educação básica pública no Brasil.

Desse modo, com a revolução digital no mundo contemporâneo, nos debatemos com o seguinte questionamento: Como anda o ensino nas escolas com as novas tecnologias que cercam crianças e adolescentes? Será que os currículos da educação conseguiram andar juntos com a geração digital? Este é um longo debate que educadores, gestores e pesquisadores ainda precisam se debruçar, o impasse das pedagogias tradicionais ainda permeia na maioria das escolas públicas do país, as crianças e adolescentes já começam a ter contato com equipamentos digitais desde muito cedo em seus núcleos familiares, conseguem se conectar em várias redes ao mesmo tempo, raciocinam muito rápido e assimilam informações que interferem no dia a dia, na cultura e nas relações sociais, mas quando chegam na escola pública nem todas ainda estão nessa conexão com as novas tecnologias da informação e comunicação.

O conhecimento agora não virá somente na perspectiva verticalizada pela verbalização do professor ou dos livros didáticos, virá também das conexões que esses estudantes conseguem fazer nas redes, em casa através da televisão, dos jogos eletrônicos, chips, etc. São inúmeras as formas de acesso à informação. Se nas grades curriculares começar a se pensar nessas redes como soma de mais experiências dos educandos, conhecendo melhor a cultura dos alunos através do que eles vivenciam, será uma riqueza tanto para a escola quanto para o estudante.

Se tentarmos construir um currículo, utilizando-se da metáfora do hipertexto, podemos abandonar as famosas grades curriculares, os pacotes de conhecimento pré-requisitados, dando lugar a uma construção colaborativa, através de múltiplas conexões com as áreas de conhecimento, permitindo a participação e a intervenção dos alunos no processo educativo. Sairemos da lógica de meros consumidores passivos, para praticar a autoria e a produção de conhecimento. (ROCHA, 2005, s/p)

Construir um currículo em rede que inclua o conhecimento de mundo dos alunos, inserindo temas escolhidos também por eles seria uma experiência satisfatória e talvez uma forma de ganhar a atenção e a participação maior dos estudantes. Falta em nossas escolas equipamentos que auxiliem nesse processo, faltam professores com formação para atender as demandas dos alunos, a maioria das escolas públicas não dispõe de laboratórios informatizados com computadores para acesso dos estudantes.

6 CONTEXTOS DA PESQUISA - EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO NAS TURMAS DO ENSINO MÉDIO E DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS.

O ensino de Artes foi trabalhado nas turmas de terceiro ano do curso de ensino médio técnico como componente curricular obrigatório e nas turmas do Eixo VI, Eixo VII e 1º ano, turno Noturno, Modalidade EJA. O estágio foi de coparticipação com ensino totalmente a distância regida pela plataforma Google Meet e e-mail, entre aulas assíncronas, síncronas. O estágio foi realizado de uma forma totalmente inesperada, com muitas dificuldades de escuta e troca com os estudantes, porém me fez refletir sobre essas novas possibilidades do ensino como forma de pesquisa e aprendizado para minha vida acadêmica. A autora PIMENTA (1994) destaca que é possível o estágio se realizar em forma de pesquisa. A pesquisa no estágio é uma estratégia, uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor. E foi nessa linha de pesquisa em sala de aula que consegui colher informações necessárias para desenvolver reflexões sobre o ensino da arte nas escolas em tempos de pandemia e como se deu o processo de aprendizagem dos alunos de forma remota.

Estagiar nesse novo formato com estudantes da rede pública, que na sua maioria não tinham acesso a computadores e *internet*, foi de muito aprendizado, em meio aos desafios da pandemia e todas as dificuldades enfrentadas pelos professores e estudantes, ainda assim conseguiram não deixar o ano letivo perdido. A escola A é uma escola de ensino técnica, composta por estudantes urbanos, e da Zona Rural que tiveram obstáculos para acompanhar as aulas optando por pegar o conteúdo impresso que a escola ofertava, lembrando que, as estagiárias não tiveram acesso aos estudantes que optavam por ter seus conteúdos em material impresso. Já a escola B composta por estudantes que não tiveram a oportunidade de terminar o estudo na idade regular, uma turma bem diversificada, com várias modalidades de ensino montada na mesma sala.

Sabe-se que todas as escolas públicas tiveram que se adaptar ao novo formato sem treinamento prévio, o recente modo de ensino nas escolas durante a pandemia foi uma forma de não deixar os estudantes parados durante o ano letivo, pois os prejuízos de aprendizagem seriam incalculáveis, isso em todas as modalidades de ensino, entretanto, não podemos negar os conflitos enfrentados pelos alunos, pais, professores e gestores. Como utilizar uma metodologia que contemplasse a todos? E os professores, estariam preparados para esse novo desafio? O método de ensino utilizado na sala de aula física seria da mesma forma no ensino remoto? Como lidar com o tempo e espaço diferente? Conforme comenta Almeida (2020),

Desenvolver metodologias de ensino no campo das Artes Visuais através das novas tecnologias nos tempos atuais é visto como uma forma desafiadora para os educadores, principalmente na rede pública de ensino, dentre os motivos um deles refere-se ao tempo e o quadro que a disciplina de Artes dispõe, que é desfavorável nas escolas públicas. (ALMEIDA, 2020, p.1.531)

Se antes da pandemia os professores de Artes já se deparavam com essas divergências de metodologias de ensino devido ao curto tempo para ministrar as aulas, no formato online não foi diferente, lidar com o espaço virtual, calcular o tempo da aula com os conteúdos passados, foi outro desafio para os professores, uma vez que, se analisarmos uma aula de 50 minutos com o espaço físico composto por mesas, cadeiras, quadro e armário e analisarmos as aulas com esses mesmo 50 minutos dentro do espaço virtual, teremos rendimento menor da aula e dos conteúdos passados. A vivência no estágio nas turmas acima citadas mostrou esse desencontro entre o tempo e o espaço, que difere do tempo real dos seres humanos, vivemos em uma sociedade tecnológica e que precisa cada vez mais de tempo para dar conta das atividades cotidianas. Também afirma Venturelli (2011),

O movimento provocado pelos meios de transporte não tem, por exemplo, nada em comum com o movimento natural do homem. Hoje, com o nascimento do homem dito tecnológico, a velocidade passou a ser uma parte da vida do homem. (VENTURELLI, 2011, p.22)

A sensação que temos é que falta tempo, tudo se move numa velocidade extrema, esse é o novo mundo do século XXI, onde as novas tecnologias, os meios de transporte e as redes contribuem para que as informações cheguem mais depressa, imagina que há alguns anos atrás quem morava na cidade de São Paulo, por exemplo, esperava meses para receber uma carta com notícias dos parentes do interior, hoje basta apenas uma ligação ou mensagem pelo *WhatsApp* com possibilidades de vídeo chamadas e pronto, a comunicação chega a todos e vem de todo mundo, as mudanças até agora modificou o modo de viver, trouxe pontos positivos e negativos, acelerando o processo de vida das pessoas.

A fim de, compreender o ensino de arte dentro dos espaços escolares durante a pandemia com aulas totalmente online, alguns questionamentos foram levantados a partir do olhar do estágio, e da vivência como estudante de Artes Visuais. Em vista disso, surgiram as seguintes questões: Quais as dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos durante o ensino remoto? Quais dispositivos foram utilizados em sala de aula? Como se deu a metodologia no formato remoto?

Dentro de um quadro de 50 minutos, observei o início, meio e fim da aula e fiz anotações importantes analisando o desenvolvimento da aula dentro desse tempo. Os primeiros 10 minutos: aguardar os estudantes entrarem na plataforma, 5 minutos depois conversa inicial, retomada da última atividade, 30 minutos para dar o conteúdo planejado, restando os últimos 5 minutos para tirar dúvidas, explicar atividade e realizar chamada, o ensino remoto trouxe mudanças na metodologia dos professores, o tempo totalmente diferente da aula presencial. Um dos fatores que observei durante o tempo da aula foi à falta de interação dos alunos, e o acesso da *internet* com qualidade, a maioria entravam na aula pelo celular com uso de dados móveis, com interferências da rede. Diante dos problemas de conexão, a maioria dos alunos preferia estudar com o material impresso com o conteúdo da aula, respondiam em casa e devolvia para escola, alguns semanalmente e outros quinzenal.

Além disso, constatei também que a presença dos estudantes na aula online era mínima, isso nas duas escolas, na EJA ficou mais acentuada essa situação, pois eram quatro turmas juntas, que somando todos os alunos daria uma quantidade de aproximadamente 150 alunos, porém na aula remota apareciam 15 a 20 alunos, com pouca participação, não abriam a câmera e nem falavam durante a aula, evidenciando assim, a desmotivação dos alunos. Eu não conseguia compreender porque o ensino remoto não deu certo, se vivemos na era digital, onde adolescentes e crianças já nascem tendo contato com celulares, jogos virtuais, vídeos, redes de relacionamentos, e outros recursos tecnológicos, são os chamado “nativos digitais”, que são toda uma geração nascida juntamente com as novas tecnologias e que dominam de forma muito rápida os meios de comunicação. Como afirma Prensky (2001),

Como deveríamos chamar “novos” alunos de hoje? Alguns se referem a eles como N-gen [Net] ou D-gen [Digital]. Porém a denominação mais utilizada que eu encontrei para eles é Nativos Digitais. Nossos estudantes de hoje são todos “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo games e *internet*. Então o que faz o resto de nós? Aqueles que não nasceram no mundo digital, mas em alguma época de nossas vidas, ficou fascinado e adotou muitos ou a maioria dos aspectos da nova tecnologia são, e sempre serão comparados a eles, sendo chamados de Imigrantes digitais. (PRENSKY, 2001, n.p.)

Quem são os imigrantes digitais hoje dentro das nossas escolas? Professores e todos aqueles que nasceram antes da revolução digital, talvez esteja aí um dos confrontos entre educador e estudantes, adaptar-se as novas tecnologias é desafiador para muitos de nós, durante a pandemia foi perceptível à dificuldade que professores encontraram para ministrar as aulas em plataformas digitais, alguns tiveram que fazer treinamentos na escola, outros com os filhos e com os netos em casa. Ainda que, o choque com a pandemia e a reabertura das

aulas de forma online tiveram seus obstáculos, consigo ver o lado positivo do uso das tecnologias digitais também dentro das escolas, não dar para voltar como antes, um vírus invisível nos fez ver as coisas de outra forma e na educação não foi diferente, ela está presente em tudo na nossa vida, resta saber como aproveitar desses recursos e incluir nas metodologias aplicadas em sala, já que é uma forma mais próxima da linguagem das nossas crianças e adolescentes. Do ponto de vista de Jordão (2009),

As tecnologias digitais são, sem dúvida, recursos muito próximos dos alunos, pois a rapidez de acesso às informações, a forma de acesso randômico, repleto de conexões, com incontáveis possibilidades de caminhos a se percorrer, como é o caso da *internet*, por exemplo, estão muito mais próximos da forma como o aluno pensa e aprende. (JORDÃO, 2009, p.10)

Esse público alvo conseguem assimilar informações bem diversificadas, navegar na *internet*, fazer uma tarefa escolar, conversar com os amigos e ouvir música, por exemplo, tudo ao mesmo tempo, a nova geração tem outro perfil de aprendizagem, e cabe à escola e professores perceberem que não dar mais pra continuar as aulas como antes, a escola tradicional deu certo por muitos anos, porem agora é outro momento, ou acompanhamos a evolução tecnológica também dentro da escola ou teremos estudantes desinteressados e desmotivados, pois o formato tradicional da escola não é mais interessante para os nativos digitais. Pensar numa escola que utilizem recursos do cotidiano dos estudantes é de suma importância, principalmente no que diz respeito ao ensino de Artes, fazendo uma interface com as novas tecnologias da informação, despertando o interesse dos alunos com pesquisas que tragam aprofundamento maior dos temas abordados durante as aulas, contribuindo no aprendizado dos estudantes de forma fixa. Segundo Ferreira (2008),

Na era das tecnologias, uma educação diversificada e motivadora será importante para atender as necessidades e interesses dos alunos. Haverá necessidade de uma educação que explore todas as possibilidades oferecidas pelas tecnologias à medida que se discute a arte do futuro e as novas gerações que vivem na era das multimídias. (FERREIRA, 2008, p.17)

A necessidade dessa educação motivadora já chegou e a escola ainda não conseguiu acompanhar o ritmo tecnológico em que nossas crianças e adolescentes estão inseridos. Fica evidente que não será de um dia para o outro essa adaptação, porque não depende somente de professores e da escola em si, mas de projetos e planejamento para área da educação. Sem estruturas adequadas, equipamentos, *internet* de qualidade fica impossível essa mudança, existem escolas da rede pública, que até possuem laboratório de informática, porém não

funcionam. Os computadores acabam ficando velhos e sem utilidade alguma por falta de profissionais para manuseá-los, e também pela falta de *internet* que alcance toda comunidade escolar.

Analisando o ensino remoto em ambas as escolas, verifiquei a falta de amparo do estado com milhares de estudantes, a minha pesquisa está concentrada no ensino online, contudo não posso deixar de falar daqueles alunos que buscavam material impresso na escola com o conteúdo da aula, eram estudantes que não tinham acesso a celular e tão pouco a computadores com *internet*, a fase crítica desse modelo de ensino foi justamente a solidão do aluno com o material, levando a desistirem do ano letivo, uma triste realidade para o país, agora com o retorno das aulas presenciais já temos alguns dados da evasão escolar principalmente no Ensino Fundamental. A constituição federal no Art. 205. Diz que, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, [...], visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Ainda no art. 206. “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios; I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;”.

Fica evidente que os direitos garantidos pela constituição, não funcionou durante a pandemia. Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola para quem? Infelizmente um grande contingente de estudantes ficou desprotegido com o isolamento social e o fechamento das escolas. Cordeiro (2021) comenta,

É aqui que se pode perceber, que o direito a educação não é garantido com a simples matrícula, mas requer, obrigatoriamente, que seja assegurado o acesso e a permanência na escola, com medidas que possibilitem a busca ativa das crianças e adolescentes infrequentes e aos que evadiram. (CORDEIRO, 2021, p.82)

Nesse sentido, se faz necessário medidas eficaz que garantam a permanência dos alunos na escola. Com o retorno das aulas presenciais é possível fazer um balanço da evasão escolar, dos abalos emocionais vivenciados durante a pandemia e da instabilidade da frequência das crianças e adolescentes.

6.1 RESULTADOS DA PESQUISA – ANÁLISES E REFLEXÕES

A fim de compreender como os professores de arte e os estudantes do ensino médio em tempos de pandemia utilizaram as novas tecnologias como ferramentas de acessibilidade ao ensino e quais os seus desdobramentos desse processo, fez-se necessário uma pesquisa

semiestruturada no Centro Estadual de Educação Santa-Mariense, com 17 estudantes e 01 professora Licenciada em Artes Visuais. A idade dos alunos entrevistados varia entre 15 a 17 anos, sendo 03 do sexo masculino e 14 do sexo feminino. O questionário foi elaborado com 08 perguntas, 06 questões objetivas e 02 questões subjetivas. A princípio, essa análise seria realizada somente nas turmas do estágio remoto, contudo senti a necessidade de ouvir os alunos, saber a opinião deles de como foi esse cenário novo da educação. O meu olhar para o estágio remoto, é a minha percepção diante do que estava vivendo naquele momento, escutar os alunos na perspectiva deles trouxe outras reflexões para a pesquisa. A condição que a pandemia colocou milhares de escolas a modificarem o modo de ensinar também mudou a forma de comunicação entre as pessoas, os encontros agora eram por vídeo conferências, materiais de estudo chegando a todo o momento por e-mail, pais e alunos recebendo informações via *WhatsApp*, transformando diretamente a vida da sociedade. De acordo com Santaella (2005),

Propiciada, entre outros fatores, pelas mídias digitais, a revolução tecnológica que estamos atravessando é psíquica, cultural e socialmente muito mais profunda do que foi a invenção do alfabeto, do que foi também a revolução provocada pela invenção de Gutenberg. (SANTAELLA, 2005, p.389)

As mudanças sociais provocadas pela revolução tecnológica nos fazem entender, por exemplo, o seguimento da moda, as músicas lançadas na rede, o modo de ver e pensar sobre determinado assunto, isso em todas as esferas e de todos os lugares do mundo. As mídias digitais estão presentes no dia a dia das pessoas, e em específico na vida das crianças e adolescentes, o celular para esse grupo não é apenas um aparelho que serve somente para fazer ligações, eles escutam músicas, trocam mensagens com os amigos, é máquina fotográfica, jogam, assistem TV e ainda conseguem fazer pesquisas e estudar isso em um único aparelho, essa convergência das mídias trouxe inúmeras possibilidades de acesso à informação. Visto que, as mídias digitais se fazem presente no cotidiano da sociedade, busquei entender como estavam as escolas nesse meio digital durante as aulas com o ensino online. No quadro 01 abaixo, segue questões elaboradas como investigação do ensino remoto no Ensino Médio.

Quadro 1 – Questão 1

Durante o ensino remoto com as aulas online você teve acesso:
Computador: 04
Celular: 16
<i>Internet</i> : 13
Quais as plataformas que foram utilizadas durante as aulas online?
Google Meet: 17
E-mail: 10
Grupos do <i>WhatsApp</i> : 13
Durante as aulas de Arte, qual linguagem utilizada que mais prendeu sua atenção?
Linguagem visual: 12
Linguagem Verbal: 02
Linguagem sonora e visual: 06
A escola participou ativamente durante o ensino remoto?
17 estudantes responderam que (sim)

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Como podemos observar a entrevista foi feita somente com estudantes que tinham acesso a aula remota, o questionário teve como objetivo a investigação dos dispositivos tecnológicos acessados durante esse processo, buscando pesquisar o que funcionou melhor durante as aulas de arte online. Os resultados para linguagem visual e linguagem sonora e visual foram os que mais prenderam a atenção dos alunos, fotografia e áudio visual, linguagens que fazem parte da rotina de jovens e adolescentes.

Ainda com Santaella (2005, p.391): “O primeiro grande golpe na hegemonia do livro e da cultura das letras foi dado pela invenção da fotografia. Daí para frente, a perda de exclusividade do livro como meio de produção e transmissão da cultura seria progressiva e irreversível”. O mundo virtual trouxe muitas possibilidades de acesso a pesquisa, o livro não é mais o único meio de buscas do conhecimento, e entre jovens o uso é menos frequente, pois antes desse recurso eles navegam na *internet*, encontram diversas linguagens para o mesmo tema, aulas expositivas somadas com o vídeo são de extremo interesse dos alunos, pois conversam com o meio em que vivem.

Quadro 2 - Questão 2

Cite as 03 maiores dificuldades enfrentadas durante o ensino remoto:	
Aluno – 1	A <i>internet</i> ; abalo psicológico; dificuldade para se concentrar.
Aluno – 2	A <i>internet</i> ; dificuldade para se concentrar; abalo.
Aluno – 3	A minha falta de acesso ao telefone durante as aulas. Uma pequena dificuldade de fixação e acesso ruim a <i>internet</i> .
Aluno – 4	A <i>internet</i> ; a dificuldade de se concentrar; e os materiais de estudo.
Aluno – 5	Era difícil acostumar a assistir; conversas dentro de casa atrapalhava.
Aluno – 6	O ensino; a falta de <i>internet</i> ; e o horário.
Alunos – 7, 8, 14, 15, 16	Não responderam à questão.
Aluno – 9	Barulho em casa; <i>internet</i> caindo.
Aluno – 10	Celular queimou; barulho em casa; <i>internet</i> caindo.
Aluno – 11	Não tinha como aprender o assunto.
Aluno – 12	Falta de entendimento; horários; <i>internet</i> ruim.
Aluno – 13	Não poder apertar a mão e abraçar os colegas e professores; a <i>internet</i> caía muito; muito tempo na frente de uma tela.
Aluno – 17	O aprendizado; as dificuldades de sinal a <i>internet</i> ; as presenças.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

A partir da resposta dos estudantes, é possível constatar que a falta de acesso à *internet* de qualidade, foi citada em praticamente todas as respostas dos alunos seguida da dificuldade de concentração, por estarem dentro de casa, e a privação do convívio social com professores e colegas. Enfatizando mais uma vez a desigualdade social da maioria dos estudantes das escolas públicas brasileiras, e a importância do espaço físico escolar como local de trocas e experiências de vida.

A escola, além de se constituir em um espaço destinado ao aprendizado também é um local de convívio. É também por meio da escola que muitos alunos participaram de programas que contribuem para o desenvolvimento físico e intelectual, como por exemplo, a alimentação escolar, programas de reforço, entre outros. (PALÚ, 2020, p.94)

Em vista dos resultados obtidos do quadro 02, nota-se que a escola não se limita somente ao espaço de transmissão de conhecimento é também local da garantia da segurança alimentar, contribuindo com diminuição da fome de crianças e adolescentes, auxiliando também com programas extras curriculares no reforço escolar fortalecendo o aprendizado dos alunos.

Quadro 3 - Questão 3

Cite 03 pontos positivos do ensino remoto durante a pandemia:	
Aluno – 1	Ajudou na diminuição da propagação do vírus; flexibilidade do tempo; ficar em casa.
Aluno – 2	Eu estava protegida do vírus, consegui me organizar mais e flexibilidade com o tempo.
Aluno – 3	Poder estar longe da bagunça da sala; poder estar no conforto do meu quarto para poder estudar.
Aluno – 4	Ficar em casa; é mais fácil estabelecer uma rotina, flexibilidade com o seu tempo.
Aluno – 5	Era bom, porque eu distraia mais a cabeça; e estava protegida do vírus.
Aluno – 6	Protegida do vírus, e um bom tempo para ficar em casa.
Alunos – 7, 8, 11, 12, 14, 16 e 17	Não responderam à questão.
Aluno – 9	Não ficamos totalmente prejudicados, não ficamos totalmente sem aprender.
Aluno – 10	Ajudou a não saímos prejudicados.
Aluno – 13	A segurança e prevenção do vírus; novas amizades e foram intensificadas no retorno presencial; poder assistir a aula embrulhado.
Aluno – 15	Foi melhor que ficar sem aula de jeito nenhum.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

De acordo com os depoimentos dos estudantes, quando perguntado sobre os pontos positivos do ensino remoto, a segurança e proteção contra a Covid-19 foi a mais comentada entre eles, seguida da flexibilidade do tempo em casa para estudar e não ter sido prejudicado com o ano letivo, mostrando que mesmo diante das dificuldades enfrentadas por todos, observar-se pontos positivos dentro de uma situação inusitada que foi a pandemia da corona vírus.

Assim os resultados do quadro 03, salienta a preocupação dos entrevistados com a prevenção das medidas de segurança e de combate ao vírus. Considerando as respostas dos alunos é possível perceber que, mesmo diante do isolamento social vivido, compreenderam que naquele momento se fazia necessário tais medidas para saúde deles, dos familiares e dos colegas da turma. Outra questão avaliada pelos estudantes foi o fato de não ter ficado totalmente sem aulas, por mais dificuldades enfrentadas, conseguiram acompanhar os conteúdos passados, dando continuidade aos estudos.

Quadro 4 - Questão 4

Formação: Licenciada em Artes Visuais
Durante o ensino remoto com aulas online você teve acesso:
Celular, Computador e <i>Internet</i> .
Quais as plataformas que foram utilizadas durante as aulas online?
Google Meet, E-mail e Grupos do <i>WhatsApp</i>
Durante as aulas de Arte, qual linguagem utilizada que mais prendeu a atenção dos estudantes?
Linguagem visual e Linguagem sonora e visual
Como professor de arte você conseguiu dar todo o conteúdo planejado durante o ensino remoto?
Sim
No seu ponto de vista, qual a importância da interface do ensino de artes com as novas tecnologias da informação e comunicação?
- A arte possibilita outras abordagens e ressignificações destas ferramentas.
Cite as 03 maiores dificuldades enfrentadas durante o ensino remoto:
Desigualdade no acesso as abordagens tecnológicas; Participação integral dos estudantes e familiares; Grande demanda de trabalho.
Cite 03 pontos positivos do ensino remoto durante a pandemia:
Uso de novas tecnologias; possibilidade de encontrar com pessoas, artistas para participação nas aulas; continuidade das aulas diante do cenário pandêmico.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

A entrevista com a professora de Artes do ensino médio confirma o relato de muitos professores da rede pública de ensino, principalmente no que se refere às maiores dificuldades enfrentadas com o ensino remoto durante a pandemia. Desigualdade no acesso as abordagens tecnológicas, excluindo a maior parte dos estudantes, a falta de participação integral dos alunos e dos seus familiares e a grande demanda de trabalho para os professores, item mais discutido durante o ensino online.

Em meio à obrigatoriedade de participação de atividades complementares, os educadores planejaram aulas online, elaboraram tarefas escritas e impressas para os estudantes que não tinham acesso à *internet*, e montaram vídeos explicativos nos grupos de *WhatsApp* para outro grupo de estudantes que tinha esse recurso para estudar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo uma análise das reflexões e questões apontadas durante a pesquisa, torna-se evidente o uso das novas tecnologias da informação nos espaços escolares. A chegada da covid-19 no país desestabilizou as estruturas educacionais obrigando as instituições ao ensino a distância ou ensino remoto.

Diante da disseminação do vírus, escolas, pais, crianças e adolescentes se viram a dar continuidade ao ano letivo de forma remota, decisão essa tomada pelos estados e municípios, perante o aumento de casos da doença no Brasil e no mundo. Em vista disso, surge um novo desafio para a educação, adequar o ensino presencial para o formato online, demanda difícil tanto para as escolas que já enfrentavam problemas com falta de estruturas adequadas, falta de equipamentos tecnológicos e *internet* de qualidade, quanto para os alunos e seus familiares.

Em virtude do enfrentamento da sociedade contra a covid-19, e da adaptação das instituições para o ensino totalmente online, emergiu a necessidade de investigar como os professores de arte do ensino médio em tempos de pandemia estão utilizando as novas tecnologias como ferramentas de acessibilidade ao ensino e quais os seus desdobramentos desse processo, investigando quais dispositivos e metodologias foram utilizadas durante as aulas, discutindo a importância da interface do ensino de arte com as novas tecnologias da informação e comunicação em tempos de pandemia.

A partir das observações vivenciadas durante o estágio nas turmas do ensino médio, seguida dos depoimentos dos alunos e da professora de artes, constato que a inserção das novas tecnologias digitais dentro dos espaços escolares é de suma relevância para a educação pública brasileira, a pandemia revelou problemas antigos já enfrentados nesses espaços, que se agravaram com o fechamento das escolas. A pesquisa revela que a linguagem visual e áudio visual, foram as que mais prenderam a atenção dos estudantes durante as aulas online, pois são linguagens próximas dos nativos digitais do século XXI.

A pesquisa aponta ainda que a falta de acesso à *internet* de qualidade e ao computador, foi um dos primeiros itens citados pelos entrevistados diante das dificuldades enfrentadas, seguidas do abalo emocional e do isolamento que afastaram os estudantes e a comunidade escolar do convívio social, já que, a escola também se torna local de trocas e experiências de vida. Como comenta Palú (2020 p.94), “No entanto, a suspensão das aulas não impactou somente no que diz respeito aos aspectos pedagógicos, ao processo ensino-aprendizagem, mostrou a importância da escola enquanto instituição e espaço social”. Sem dúvidas, a escola

se torna lugar não somente da transmissão de conhecimento, mas contribui com desenvolvimento intelectual, emocional e da segurança alimentar dos alunos.

Os resultados obtidos dessa pesquisa, parte do estudo a partir do olhar para o ensino remoto, porém durante o percurso percebi a exclusão digital da maioria dos estudantes da escola pública, o que gerou grande demanda de trabalhos para os professores, pois além do planejamento e organização para aulas online, o educador também teve que preparar material escrito e impresso para os alunos que não tinham como entrar remotamente. As desigualdades de acesso à educação durante a pandemia ficaram evidente principalmente no ensino fundamental e na educação infantil, pois o único meio de acesso aos conteúdos das aulas ficou a cargo dos materiais impressos, desmotivando alunos e familiares resultando na evasão e abandono escolar. Observa-se que, as desigualdades sociais de muitos brasileiros foi o fator primordial do ensino remoto não der obtido resultado significativo, uma vez que, foi necessária a volta às aulas com urgência, porém não houve planejamento e políticas públicas para dar suporte as famílias brasileiras mais carentes.

Considerando a análise dos textos, as experiências do estágio, e os resultados dos depoimentos dos entrevistados, conclui-se que o ensino das artes juntamente com o uso das novas mídias dentro do espaço escolar contribui no desenvolvimento da percepção, sensibilidade, expressividade e criação dos alunos, o uso da linguagem visual com o áudio visual, estão presentes a todo instante entre os adolescentes, então porque não utilizar desse recurso também dentro das escolas? Com efeito, sabemos que essa mudança não será de um dia para o outro e não depende apenas da escola ou do professor, mas de programas eficazes que implantem dentro das escolas equipamentos tecnológicos que atendam a demanda, *internet* com acesso a toda comunidade escolar e a formação de professores na área da arte e tecnologia, somando assim os ensinamentos aprendidos por anos de experiência em sala de aula, com o uso das ferramentas tecnológicas que usam a mesma linguagem de milhares de crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.; MARTINS, V. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes e fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **Redoc**, Rio de Janeiro, v. 4, n.2 mai/ago, p. 224, 2020.

ALMEIDA, S. P. **Novas mídias em Artes Visuais: Experiências no plano Nacional de Formação de Professores da educação básica** (PARFOR) 2020.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília-DF: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 15 maio. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**: Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2020f. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 de jul. 2022.

CORDEIRO, F. G. A garantia do direito fundamental à educação e pandemia da Covid-19. **Revista eletrônica do Ministério Público do Estado do Piauí**, ano 1, vol. 1, jan/jun 2021.

COSTA, L. F.; LEMOS, A. Um modelo de inclusão digital: o caso da cidade de Salvador. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**. www.eptic.com.br, vol. 3, n. 6, sep./dic. 2005.

CURY, C. R. J. (org.). **Base Nacional Comum Curricular: dilemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2018.

DAYRELL, T. J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, T. J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

FERREIRA, A. **Arte, tecnologia e educação: as relações com a criatividade** / Aurora Ferreira – São Paulo: Annablume, 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia: saberes necessários à prática educativa**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

JORDÃO, T. C. A formação do professor para a educação em um mundo digital. In: BRASIL. Ministério da Educação. (Salto para o futuro). **Tecnologias digitais na educação**. Ano XIX. Boletim 19 novembro – dezembro, 2009.

KIRCHNER, A. E. Vivenciando os Desafios da educação em tempos de pandemia. In: PALÚ, J.; SCHUTZ, J. A.; MAYER, L. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020. p. 21.

MAYER, L; PALÚ, J; SCHUTZ, J. A. (Orgs.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.

PIANA, M. C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PRENSKY, Marc. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/>, texto publicado na sua primeira versão em 2001. Acesso em: 13 jul. 2022.

RAMALDES, K. Ensino da Arte: qual ensino queremos. **Educação, Artes e Inclusão**, Goiás, v. 13, n. 2, maio/ago. 2017. ISSN 1984-3178.

RODRIGUES, C. C. **Sobre Tempos e Lugares da Arte no Currículo Escolar Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ROCHA, T. B. Currículo e tecnologias: refletindo o fazer pedagógico na era digital. **Semana de Mobilização Científica**, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia**. 3 ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SILVA, L. PETRY, Z. UGGIONI, N. Desafios da Educação em tempos de pandemia: como conectar professores desconectados, relato da prática do Estado de Santa Catarina. In: PALÚ, J.; SCHUTZ, J. A.; MAYER, L. **Desafios da educação em tempos de pandemia**: Cruz Alta: Ilustração, 2020. 324 p. 21.

SILVA, M. C. da R. F. da.; SANTOS, V. M. M. **Formação docente e políticas públicas: cenários e desafios**, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2016.

UNICEF. Crianças de 6 a 10 anos são as mais afetadas pela exclusão escolar na pandemia, alertam UNICEF E Cenpec Educação. **UNICEF**, 29 abr. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/criancas-de-6-10-anos-sao-mais-afetadas-pela-exclusao-escolar-na-pandemia>>. Acesso em 25 abr. 2022.

VENTURELLI, S. **Arte: espaço-tempo-imagem**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.